

# Tenente do Exército lançará livro em resposta a 'Brasil: Nunca Mais'

Repress. Geral

15.7.86

Da Sucursal de Porto Alegre

O livro "Brasil Sempre", escrito pelo tenente da 2ª seção (serviço secreto) do Comando Militar do Sul, Marco Pollo Giordani, é a resposta ao livro "Brasil: Nunca Mais", organizado pelo cardeal Paulo Evaristo Arns, contendo a relação das vítimas da repressão durante o período de regime militar da recente história brasileira. O livro de Giordani deverá estar nas livrarias no mês de agosto, lançado pela Tchê Editora, a segunda do Rio Grande do Sul, que tem 85 títulos em seus quatro anos de vida.

Além da relação das vítimas da oposição armada ao regime — a maioria delas militares —, o diretor da Tchê, Aírton Ortiz, 31, destaca que o livro apresenta "informações até hoje inéditas", como o relato do tenente Giordani de que, em 1972, ele chegou a ficar em regime de prontidão porque o Brasil, dentro da chamada "Operação Charrua", se preparava para invadir o Uruguai, caso o país vizinho fosse dominado pelos guerrilheiros tupamaros.

A relação dos "mortos pela subversão" — 92 nomes — ocupa um capítulo do livro, e inclui, principalmente, militares e civis mortos durante assaltos a bancos ou casas comerciais. Figuram na relação o agente federal Hélio de Carvalho Araújo, "morto em 7 de dezembro de 1970, no

Rio de Janeiro, na ocasião do sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher"; a investigadora Stella Borges Morato, "morta em 4 de dezembro de 1969, quando do tiroteio com o grupo de Carlos Mariguella"; o jornalista Edson Régis de Carvalho, "morto quando do atentado a bomba, executado por terroristas, contra o marechal Costa e Silva", em 25 de julho de 1966, em Recife (PE).

Na apresentação do livro, Marco Pollo Giordani admite que seu trabalho — resultado de uma "pesquisa solitária", sem o envolvimento de grupos ou de outros militares — decorreu do lançamento de "Brasil: Nunca Mais", um "faccioso relato de um pretense grupo de especialistas, tendo à testa o arcebispo metropolitano de São Paulo, Paulo Evaristo Arns, e outros". Giordani diz que não pretende contestar o relato das vítimas da esquerda, mas "mostrar a parte esquecida". O autor, 36 anos, casado, 2 filhos, dezoito anos de Exército, afirma não possuir "trezentos mil dólares nem os computadores, aparelhos de microfilmagem ou funcionários assalariados usados na confecção de 'Brasil: Nunca Mais'" — mas diz ter "a real experiência do contato permanente com a subversão", além de "vários anos de Doi-Codi dedicados exclusivamente ao Brasil".

A Tchê, que pretende tirar dez mil exemplares na primeira edição do livro, de duzentas páginas, entende, conforme seu diretor Ortiz, que esta "é a primeira vez que um elemento da ativa do Exército se manifesta de forma ostensiva sobre os anos de repressão, escrevendo e assinando embaixo". Ortiz destaca o capítulo intitulado "Subversão", que considera "um verdadeiro curso do SNI" sobre o tema e, especialmente, sobre como enfrentar o comunismo. Neste capítulo, o autor afirma que a "subversão ainda existe", e cita, entre as "organizações infiltradas", até mesmo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), vinculada à ONU. Cita também, entre as "organizações subversivas" brasileiras, num apanhado recente, o PCBR, o PC do B, MR-8, Convergência Socialista, PCB, PSB, Organização Revolucionária Marxista Democrata Socialista, Fração da 4ª Internacional, Partido Operário Revolucionário Trotskista Posadista, Ação Popular Marxista-Leninista, Movimento Comunista Revolucionário (MCR) e Partido Revolucionário Comunista (PRC). "Atuam como simpatizantes o PDT e o PT", diz o livro, que também critica a "Igreja subversiva" e as "finalidades política" da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) — que, segundo ele, "usa a população como massa de manobra".